

IAOD do Deputado Wong Ka Lon em 09.06.2026

A habilitação académica não define a vida, pois é o trabalho prático que forja os talentos

Num poema de Mao Tsé-Tung sobre a neve, lê-se: “contam-se os heróis, há que olhar para esta era”. Este verso rompe com os antigos critérios de selecção baseados unicamente na origem ou no estatuto social, revelando que em todas as profissões há talentos dedicados, e traça a orientação para a formação e identificação de talentos na nova era.

Ao entrevistar jovens de diversas profissões, estudantes universitários e trabalhadores da base, verifiquei que há dois conceitos errados sobre os talentos. Alguns jovens com habilitação académica menos elevada tendem a subestimar-se e a desvalorizar o seu potencial; outros, com elevada habilitação académica, olham para o diploma como o único critério para os talentos. O Presidente Xi Jinping enfatizou que toda a sociedade deve adoptar uma visão científica sobre a formação de talentos, acabar com os sistemas de avaliação unidimensionais e ser flexível na meritocracia. Face à diversificação económica e à construção da plataforma luso-chinesa, retirei três considerações.

1. Uma qualificação académica comum não é um obstáculo ao sucesso, e os postos de trabalho comuns também permitem alcançar realizações notáveis. Muitos jovens caem no erro de acreditar que, sem um currículo académico brilhante, é difícil destacar-se. Na realidade, o funcionamento da cidade de Macau e a modernização das suas indústrias não podem prescindir dos inúmeros profissionais pragmáticos e empenhados, nas bases da sociedade. Trabalhadores dedicados ao serviço comunitário, talentos técnicos focados no aperfeiçoamento das competências, empreendedores que aproveitam a plataforma sino-lusa para expandir mercados e profissionais que promovem as marcas de Macau através de transmissões em directo – todos, apesar de não possuírem qualificações académicas proeminentes, criam continuamente valor para a economia e a sociedade nos seus postos de trabalho. Mais, a sociedade e o Governo devem continuar a criar plataformas diversificadas de formação de talentos, concretizando políticas como subsídios ao empreendedorismo, acções de formação profissional e estágios de intercâmbio na Grande Baía, facilitando assim os múltiplos caminhos de desenvolvimento para os jovens, de modo a que todos os que se empenham e são capazes encontrem o seu espaço para se destacar.

2. Uma elevada qualificação académica é um precioso acréscimo, mas de modo nenhum o único critério para o sucesso. Uma elevada qualificação representa um longo período de acumulação teórico-sistemática e reserva de conhecimentos, o que merece respeito e reconhecimento. Mas a qualificação académica apenas reflecte a trajectória anterior de estudos e não equivale às competências integradas necessárias para resolver problemas práticos ou criar valor social. Se insistirmos na “glória” dada pelos diplomas e desprezarmos a prática nas bases, mantendo apenas teorias desconectadas da realidade industrial, será impossível corresponder às necessidades das indústrias emergentes de Macau, como o turismo, a cultura, as convenções e exposições, o comércio electrónico com transmissões em directo e as finanças com características próprias. A qualificação académica sempre foi apenas um factor adicional no caminho para o sucesso; somente enraizando-se na linha da

frente da RAEM e empenhando-se no fomento das indústrias é que os conhecimentos adquiridos nos livros podem ser transformados em verdadeira força impulsionadora do desenvolvimento.

3. A base de avaliar talentos é a combinação da virtude e da competência, bem como a unidade entre o conhecimento e a acção. Independentemente do nível académico ou da origem social, os jovens de Macau na nova era devem possuir três qualidades essenciais. Primeira, ter no coração o caminho correcto: manter firmemente o amor pela Pátria e por Macau, defender o princípio “Um País, Dois Sistemas”, e salvaguardar a estabilidade da RAEM e a segurança nacional, o que é a base da existência pessoal. Segunda, aperfeiçoar-se sempre: aprender ao longo da vida, suprir as insuficiências e transformar os próprios pontos fortes em forças para a modernização industrial. Terceira, ter uma visão global: não se orgulhar pelo nível académico nem se sentir inferior por ser comum; em vez disso, integrar-se na conjuntura de Macau e da Grande Baía.

Toda a pessoa notável passou por um período de sedimentação, um tempo em que se dedicou muito, embora sem ver resultados imediatos. Chamamos a isto “lançar raízes”. Valorize cada trabalho, cada chefe, cada colega, cada sucesso e cada falha. Apenas lançando raízes profundas poderemos andar mais longe.

Não existe um padrão fixo para definir talento. Só quando a sociedade aperfeiçoa o seu sistema de formação e os jovens mantêm os pés assentes na realidade, retribuindo à RAEM com acções concretas e contribuindo para o desenvolvimento com responsabilidade, é que cada jovem pode superar a ansiedade dos graus académicos e das suas próprias limitações, tornando-se força emergente indispensável para o desenvolvimento diversificado de Macau e a construção da plataforma luso-chinesa, escrevendo com esforço e dedicação uma brilhante resposta dos jovens de Macau na nova era.